

## São Cristóvão no mapa da moda

Mais de 20 grifes cariocas escolhem o bairro para instalar suas fábricas e criar as coleções

### Laura Antunes

Esqueça os endereços descolados de Leblon e Ipanema: o novo pólo de moda no Rio é São Cristóvão, bairro de 40 mil habitantes e vizinho à região portuária.

Um time de badaladas grifes cariocas escolheu a região, já descoberta por artistas, para instalar suas equipes de criação e estilo, showrooms e fábricas.

Já estão no bairro cerca de 20 marcas, como Cavendish, New Order, Mary Zaide, Complexo B, Gang, Armadillo, City Shoes, Osklen, Sacada e Salinas. E três outras de peso estão prestes a se mudar com linhas e agulhas: Maria Bonita, Maria Bonita Extra e Farm (esta para um complexo de 6.500 metros quadrados). A associação comercial do bairro crê na geração de 200 empregos na região, a curto e médio prazos — fora os funcionários que já serão levados pelas grifes.

Para a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), a chegada de grifes e funcionários influenciará a economia de São Cristóvão, principalmente na área de serviços.

De olho na vocação econômica do bairro, a Secretaria municipal de Governo quer estimular a criação de um pólo de moda, e espera receber dos empresários reivindicações e sugestões.

O presidente da Associação Comercial de São Cristóvão, Athus Ferreira, diz que a mudança na legislação, com a aprovação do Plano de Estruturação Urbana (PEU), em 2004, tornou o bairro atraente: permite gabaritos maiores, e os imóveis vazios podem ser ocupados por indústrias: — A chegada das grifes, que movimentam cerca de R\$ 2 milhões mensais em vendas, vai reerguer São Cristóvão, abrindo empregos e movimentando a economia local. O PEU anterior, de 1992, atrasou a região.

**Armadillo: 10% da equipe são do bairro** Um tripé de razões fez com que as grifes migrassem para São Cristóvão: localização central, oferta de imóveis espaçosos e aluguéis convidativos.

— Achamos o lugar dos sonhos.

Um complexo de três prédios, onde instalaremos a Farm. Teremos espaço para oferecer ainda berçário e salão de cabeleireiro a nossas 200 funcionárias — conta Marcello Bastos, sócio da Farm, que ocupará as novas instalações em seis meses.

Ao transferir, há seis meses, a Complexo B para São Cristóvão, Beto Neves, dono da grife, fechou imóveis que ocupava no Centro e em Niterói: — Achamos um galpão, onde concentramos tudo. O bairro é perfeito: acesso fácil e espaços amplos.

Um mês antes da Complexo B, chegou a Armadillo. O dono, Ricardo Nasseh, concentrou num prédio de 1.600 metros quadrados os setores que antes ocupavam dois imóveis no Centro e na Barra. Dos 60 funcionários, 10% são moradores de São Cristóvão. Os donos das grifes dizem que é impossível encontrar amplos espaços na Zona Sul. E quando surge algum, o aluguel é exorbitante.

Em busca do lugar ideal, Valéria Lima, sócia da New Order, descobriu São Cristóvão há quatro anos. Num prédio de 1880, instalou a infra-estrutura da grife: — Fui atraída pela localização.

Depois, ainda tive a sorte de encontrar um espaço fantástico.

A empresária Flávia Zaide é pioneira.

Sua grife, Mary Zaide, está no bairro há 15 anos. Ano passado, foi para um galpão maior, de 2.400 metros quadrados. Abriu seis vagas novas para moradores da região. Entre as veteranas está a Cavendish. Segundo o diretor comercial, Ruben Sperandei, a grife nasceu em São Cristóvão, em 1999. Mudou duas vezes de endereço no bairro. Hoje, os 90 funcionários ocupam um imóvel de três andares: — A localização é perfeita para a indústria. O bairro é mais central do que o próprio Centro do Rio.

As calças da Gang, peças do desejo de uma turma numerosa, também são criadas no bairro. Os 150 funcionários ocupam um galpão.

A Secretaria de Governo incentiva a criação de pólos econômicos no Rio, por meio do projeto “Essa rua é 10”, como já ocorre em Botafogo (gastronômico) e Estrada Intendente Magalhães (lojas de veículos). Já são 17 hoje no Rio. O coordenador do projeto, Miguel Gomes, diz que a prefeitura está atenta à movimentação econômica em São Cristóvão: — Há todo o interesse em potencializar essa movimentação econômica em São Cristóvão, uma região tão importante nas décadas de 50 e 60 e que entrou em decadência.

A secretaria está pronta para fazer parceria com empresários.

Os empresários já têm reivindicações em comum: por exemplo, a melhoria de serviços públicos, como iluminação. Mas a principal é a questão da falta de segurança. Preocupa tanto que os imóveis das grifes não ostentam letreiros ou qualquer indicação do que funciona no local.

Com o novo PEU, o bairro imperial também foi redescoberto pela construção civil. Dois condomínios residenciais estão sendo construídos na área, e são um sucesso de venda.

Outras dez construtoras já compraram terrenos.

— Em cinco anos, o bairro terá entre 12 a 15 mil moradores novos — garante o vice-presidente da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi), José Conde Caldas.